



O “CORAÇÃO SELVAGEM” À LUZ DA ANTROPOLOGIA DE LÉVY-STRAUSS: *o pensamento humano, demasiado humano.*

Bruno Oliveira

Aceito tudo o que vem de mim porque não tenho conhecimento das causas e é possível que esteja pisando no vital sem saber; essa é minha maior humildade, adivinhava ela.

(Clarice Lispector, *Perto do coração selvagem*, p.17.)

Oitenta anos se passaram desde a publicação de *Perto do coração selvagem*, romance de estreia da escritora Clarice Lispector. De lá pra cá, muito se tem discutido sobre a sua maneira de compor narrativas, fundindo ficção à realidade, constituindo o tecido cotidiano do homem contemporâneo nas grandes metrópoles. Detentora de maneira única – e por que não dizer, estrangeira – de compreender a existência. A matéria constitutiva de seus personagens foge ao convencionalismo admitindo dimensões complexas as quais vão muito além de uma mera descrição objetiva, diluindo-se em relações cuja subjetividade protagoniza momentos de rara beleza, capazes de revelar a verdadeira essência do humano, muitas das vezes para além do que ele gostaria (ou mesmo suportaria) de ser visto.

Sondando o subterrâneo da alma humana, o que se encontra são as ruínas resultantes da interação entre o eu e o mundo, tão bem construídas na narrativa da autora, ganhando vida por meio de monólogos interiores nos quais o fluxo de pensamentos constantes, ao mesmo tempo que tornam opacos e sombrios os cenários, também se apresentam como o instante libertador, narrando toda a complexidade e dinamismo da consciência humana da forma mais verossímil possível.

Uma vez que essa narrativa interior ganha contornos cada vez mais imprecisos, os personagens se perdem na convulsão da própria subjetividade, atingindo por diversas vezes a esfera metafísica, em que o fazer poético se confunde muitas vezes com a reflexão filosófica existencialista, originária da inadequação do sujeito com o mundo que o cerca, e cujos objetos sensíveis se tornam cada vez mais



inacessíveis, impossíveis de serem compreendidos e capturados racionalmente no plano da linguagem, mesmo fixando raízes no que se denomina como costumeiro ou banal. Só se conhece verdadeiramente aquilo que não se conhece. Somos a parte de nós que se ignora, que se estranha, que volta a se ignorar e desconhecer, para logo em seguida se converter em questionamento primário, infantil, maneira única para se enxergar o objeto naquilo que o mesmo apresenta de mais particular, de mais singular.

Desses pequenos instantes de captura do objeto nascem descrições pormenorizadas, muitas das vezes, carentes de estruturação, o que confere ao texto um aspecto fragmentado, estatizado, promovendo a confecção de narrativas sem sequência, sem definições cronológicas, espaciais, obtendo como resultado de sua técnica a retirada da automatização do cotidiano, mesmo que falte, segundo os críticos da autora, ajustamento interno do material captado. Passemos então a compreender melhor essa história.

Perto do coração selvagem

O romance começa com a infância de Joana, menina sensível e introspectiva que após a morte da mãe passa a viver com o pai estabelecendo com ele uma relação de proximidade. Curiosa e questionadora, a menina passa grande parte do tempo refletindo sobre o mundo a seu redor. Mundo esse que será abalado após a morte do pai, responsável pelo fim de sua infância tranquila, quando fora viver com a tia, mulher rígida e conservadora. A convivência com a tia se mostra difícil, o que faz com que Joana se sinta incompreendida e reprimida.

Como o convívio se torna insustentável, Joana na adolescência vai viver num internato onde continua a sentir-se isolada. Por se diferenciar das outras meninas, devido a sua introspecção e sensibilidade, encontra consolo nos livros e na natureza.

Quando adulta, Joana passa a trabalhar e a explorar sua independência. Casa-se com Otávio, homem convencional e pragmático. No primeiro momento, o enlace parece ser uma fuga da solidão, recurso que logo se revela insatisfatório, já que o esposo é incapaz de compreender a profundidade dos pensamentos e sentimentos de Joana, fazendo com que ela se sinta cada vez mais distante da realidade. O



relacionamento com Otávio é marcado pela falta de comunicação e pelo distanciamento emocional.

Pouco a pouco ele vai se distanciando da esposa, retomando com Lídia, sua ex-noiva, o contato físico e afetivo. O desamor do marido não a incomoda, muito pelo contrário, ela se sente aliviada pela perda. Decidida, conversa com Lídia, que assume imediatamente que está grávida do amante, o que agrava ainda mais a sensação de isolamento de Joana. Após a esperada confissão de Lídia, ela inicia um envolvimento com um sujeito anônimo, do qual ela conhece apenas o rosto, sem conhecer nem mesmo o nome dele, mas cujos gestos simples de homem solteiro, que habita humildemente um quarto-e-sala, despertam em Joana afeto. Do inesperado renasce o amor: sentir causa medo e espanto.

Ao longo do romance, Joana mergulha cada vez mais em suas reflexões e questionamentos existenciais. Busca entender a sua identidade e o sentido de sua vida. Através de suas experiências e relações, explora temas como a liberdade, a solidão e a dualidade da natureza humana.

O romance termina, como não poderia deixar de ser, de maneira aberta e abstrata, sem oferecer resolução clara para os conflitos internos de Joana.

O foco está na jornada interna dos protagonistas e na busca incessante por autoentendimento e liberdade, na qual a personagem continua ansiando uma vida autêntica e significativa, desafiando convenções sociais e explorando sua própria natureza selvagem.

Estar “perto do coração selvagem”, seria estar próximo a essa natureza primitiva, repleta de inadequações primordiais, fonte de pensamentos que florescem no espírito de todo homem antes de serem domesticados. São, nos termos do antropólogo estruturalista Lévi-Strauss, “pensamentos selvagens”, a salvo de qualquer imposição moral ou doutrinação social, manifestados a partir do livre fluxo de consciência, que revela na realidade uma verdade desconhecida ou inconfessada até mesmo para o próprio sujeito, uma vez que as convenções sociais são inexistentes ou estão suspensas.

Sendo assim, tomaremos a liberdade de tomar emprestado o conceito de Strauss, “pensamento selvagem”, para demonstrar como só se é possível compreender a complexidade dos pensamentos de Joana, e porque não dizer, de



todos nós, quando essa se aproxima daquilo que nos faz humanos: nossa natureza selvagem, nossas sensações primitivas. Nesse pensamento, nada há de desordenado nem de confuso. Senão, vejamos.

Perto do coração primitivo: o “pensamento selvagem”

O pensamento selvagem, escrito pelo antropólogo francês Claude Lévi-Strauss, é uma obra fundamental da antropologia estrutural. A ideia central do livro é explorar e explicar como as culturas "primitivas" ou "selvagens" organizam e classificam suas experiências e conhecimentos do mundo. Lévi-Strauss desafia a noção de que essas culturas são irracionais ou inferiores às culturas "civilizadas", argumentando que o pensamento humano é universal e que todas as culturas – independentemente de serem "primitivas" ou "modernas" – possuem formas complexas e sofisticadas de entendimento e organização do mundo.

No entanto, o que nos interessa como objeto de análise é verificar como os pensamentos da personagem estão no polo oposto daquilo que Strauss denominou “domesticado” ou “científico”, uma vez que esse estaria liberto de qualquer tipo de subjetividade, procurando alcançar a verdade por meio da objetividade e da racionalidade científica. Joana se perde em fluxos de pensamentos nos quais se revela uma personagem profundamente humana, cuja riqueza emocional e complexidade psicológica, seus sentimentos de solidão, inquietação, desejo de liberdade, amor, sensibilidade, confusão, melancolia e curiosidade são expressas de maneira lírica e introspectiva, revelando uma personagem que luta para encontrar seu lugar no mundo e compreender a si mesma. Nas palavras de Lévi-Strauss (1997, p. 102):

O pensamento selvagem não é, para nós, o pensamento dos selvagens nem o de uma humanidade primitiva e arcaica, mas o pensamento em estado selvagem, diferente do pensamento cultivado ou domesticado com vistas a obter um rendimento.

E por não necessitar obter qualquer tipo de objetividade ou função, o que se verifica é uma intensa valorização daquilo que aos olhos de muitos se apresenta como “superficial”, desnecessário ou mesmo irrelevante . Toda introspecção



serve na obra da autora, não para se fugir de uma realidade, mas para demonstrar que dentro de cada indivíduo o que existe são pensamentos complexos – mesmo que fragmentados – a unirem todos os seres vivos, pulsantes, perdidos sempre em questionamentos universais.

Fascinada mergulho o corpo no fundo do poço, calo todas as suas fontes e sonâmbula sigo por outro caminho. — Analisar instante por instante, perceber o núcleo de cada coisa feita de tempo ou de espaço. Possuir cada momento, ligar a consciência a eles, como pequenos filamentos quase imperceptíveis mas fortes. É a vida? Mesmo assim ela me escaparia. Outro modo de captá-la seria viver. Mas o sonho é mais completo que a realidade, esta me afoga na inconsciência. O que importa afinal: viver ou saber que se está vivendo? — Palavras muito puras, gotas de cristal. Sinto a forma brilhante e úmida debatendo-se dentro de mim (Lispector 1943[1944], 2017 p. 35).

Da desarticulação com o real, a subjetividade vai se fazendo cada vez mais presente. A razão vai aos poucos dando vazão a um conjunto de simbolismos, e desaparecendo em meio as emoções vividas pela personagem, onde nas palavras de Coutinho (2004, p. 532):

O amor está extinto e Joana procura compreender a sua razão. Mas, na medida em que Otávio lhe acusa, ele só tem a seu dispor o jargão romântico-existencializado. É que a sua subjetividade a tal ponto inchara que terminara por consumir toda a possibilidade de uma interpretação objetiva.

Conforme exemplificado acima, enquanto toda intelectualização e objetividade está no plano do racional, a narrativa da obra de Lispector parece andar na contramão. Quanto mais a personagem adentra nos próprios pensamentos e mais próxima das sensações instintivas se encontra, mais é possível se interpretar a realidade. Realidade essa captada através do pensamento disforme, sem imposições culturais, morais ou religiosas, só possíveis mesmo de acontecerem no plano da subjetividade, circunscritos ao corpo do próprio sujeito, contrário aos valores ou ditames sociais. Este seria um tipo de pensamento “indomado”, “selvagem” mantido vivo no mundo ocidental moderno dentro das “reservas naturais” da arte, como afirma Strauss (1997).



Sim, ela sentia dentro de si um animal perfeito. Repugnava-lhe deixar um dia esse animal solto. Por medo talvez da falta de estética. Ou receio de alguma revelação... Não, não – repetia-se ela –, é preciso não ter medo de criar. No fundo de tudo, possivelmente o animal repugnava-lhe porque ainda havia nela o desejo de agradar e de ser amada por alguém poderoso como a tia morta (Lispector 1943[1944], 2017 p. 8).

Para Coutinho (2004, p.531): “Estilisticamente, Lispector está no primeiro plano dos escritores brasileiros. Trechos seus indicam uma aguda percepção de detalhe que tem como condição o dismantelo da lógica prosaica e a construção de uma prosa mais afim do poético”. Presume-se então que os textos da autora se aproximam do poético devido a capacidade de formulação de “pensamentos selvagens”, primitivos, uma vez que se distanciam do pensamento domesticado, civilizado, artifício sem o qual Clarice jamais poderia atingir a extensão e potencialidade de seu fluxo narrativo. Não seria, pois, de se espantar que em seu atemporal convívio com variadas formas de vida, o “pensamento selvagem” tenha podido encontrar a matéria e a inspiração para uma lógica cujas leis se limitam a uma transposição das propriedades do real, e que, por isso mesmo, veio permitir aos homens exercer domínio e controle sobre esse real, assim como a autora tem pleno domínio dos objetos e cenas descritas no seu mais íntimo detalhe (Bosi, 2006).

Ouçó-a, a queda. Alegre e plana espero por mim mesma, espero que lentamente me eleve e surja verdadeira diante de meus olhos. Em vez de me obter com a fuga, vejo-me desamparada, solitária, jogada num cubículo sem dimensões, onde a luz e a sombra são fantasmas quietos. No meu interior encontro o silêncio procurado. Mas dele fico tão perdida de qualquer lembrança de algum ser humano e de mim mesma, que transformo essa impressão em certeza de solidão física. Se desse um grito — imagino já sem lucidez — minha voz receberia o eco igual e indiferente das paredes da terra. Sem viver coisas eu não encontrarei a vida, pois? Mas, mesmo assim, na solitude branca e ilimitada onde caio, ainda estou presa entre montanhas fechadas. Presa, presa. Onde está a imaginação? Ando sobre trilhos invisíveis. Prisão, liberdade. São essas as palavras que me ocorrem. No entanto não são as verdadeiras, únicas e insubstituíveis, sinto-o. Liberdade é pouco. O que desejo ainda não tem nome (Lispector 1943[1944], 2017, p. 50).

A condição selvagem equivale, pois, à sub-humanidade: “estado de natureza” por oposição ao “estado de sociedade”. Por isso que ao estabelecer uma narrativa psicológica, o que a autora faz é dar fluência a esses sentimentos que muitas das vezes estão armazenados nos recônditos da alma, desconhecidos, inconfessados,



intraduzíveis até mesmo no plano da linguagem, revelando-se apenas no corpo biológico, uma vez manifestados no plano da consciência dariam vazão a uma série de conflitos entre os valores sociais e morais, causando sensação de estranhamento e inadequação.

Deste fato resulta que os valores pelos quais se afanam as criaturas, reduzem-se à qualidade de estados psicológicos. Assim, se a liberdade é o móvel comum pelo qual se insurgem os personagens, em Joana ela se encolhe à condição de mera sensação de plenitude orgânica. O mesmo se repete em relação à alegria (Coutinho, 2004, p. 534).

Logo todo pensamento de Joana parece-nos ser proveniente de sensações geradas através do corpo orgânico, biológico, primitivo, que sente, mas não sabe que sente, nem o que ele sente, e uma vez traduzidas no plano da linguagem, chegam até mesmo a configurar, nas palavras de muitos críticos, um falseamento do mundo. “A liberdade que às vezes sentia. Não vinha de reflexões nítidas, mas de um estado como feito de percepções por demais orgânicas para serem formuladas em pensamentos. Às vezes, no fundo da sensação tremulava uma ideia que lhe dava leve consciência de sua espécie e de sua cor”. (Lispector, p. 43) Ou ainda,

Continuei a passo lento, escutando dentro de mim a felicidade, alta e pura como um céu de verão. Alisei meus braços, onde ainda escorria a água. Sentia o cavalo vivo perto de mim, uma continuação do meu corpo. Ambos respirávamos palpitantes e novos. Uma cor maciamente sombria deitara-se sobre as campinas mornas do último sol e a brisa leve voava devagar. É preciso que eu não esqueça, pensei, que fui feliz, que estou sendo feliz mais do que se pode ser. Mas esqueci, sempre esqueci (Lispector 1943[1944], p. 75).

Estar perto do coração selvagem: a que se destina?

Procuramos ao longo do corpo do texto, demonstrar como o “pensamento selvagem” nada mais é do que o pensamento em seu estado natural, como se encontra nas culturas mais simples e mais antigas, mas também em certas manifestações do pensamento moderno, onde ele se conserva ainda intacto.

Lévi-Strauss argumenta que o “pensamento selvagem” não é irracional ou inferior ao pensamento científico moderno; ao contrário, é um pensamento lógico,



sistemático e estruturado, porém, operando de maneira diferente. Ele se baseia em uma lógica concreta e particular, muitas vezes utilizando metáforas, mitos e classificações detalhadas do mundo natural e social. Quando se afirma que “pensamento selvagem” é o pensamento em seu estado natural, está-se dizendo que ele é uma forma de pensar que não foi alterada ou influenciada pelas complexidades e abstrações da contemporaneidade. Ele reflete uma maneira de entender e interpretar o mundo que é imediata e direta, baseada na observação e experiência com o meio ambiente e a vida cotidiana.

Esse tipo de pensamento pode ser encontrado não apenas em culturas mais simples e antigas, mas também em certas manifestações do pensamento moderno. Isso significa que mesmo nas sociedades contemporâneas, essa forma de pensar persiste muitas vezes nas práticas cotidianas, crenças populares, na arte – o como se tentou demonstrar na construção do fluxo de pensamento narrativo das personagens de *Perto do coração selvagem* – e em formas de conhecimento que se mantêm mais próximas da experiência sensorial e emocional.

A relação entre o “pensamento selvagem” de Lévi-Strauss e o fluxo de pensamento narrativo de Clarice Lispector, reside, a nosso ver, na forma como ambos reconhecem e valorizam as estruturas não lineares e associativas do pensamento humano. Ambos veem na intuição, na imaginação e nas narrativas simbólicas uma maneira legítima e rica em entender e expressar a realidade. Enquanto o “pensamento selvagem” explora essa dinâmica no contexto das culturas tradicionais e seus mitos, o fluxo de pensamento narrativo da autora examina como isso se manifesta na mente individual e na literatura, demonstrando a universalidade dessas formas de pensamento.

Se, segundo Strauss, os chamados “primitivos” realizam a diferença entre natureza e cultura de formas “infinitamente mais complexas”, tanto lógica quanto cosmologicamente, do que os intitulados “civilizados”, isso advém do fato de que esses não sejam em nada primitivos: já que sempre compreenderam (e ainda o fazemos) que entre natureza e cultura há muito mais coisas do que sonha (ou sequer sonha) “nossa” filosofia. É isso que torna Joana humana, demasiada humana; acolher seu coração selvagem.



REFERÊNCIAS

BOSI, Alfredo (2006). **História concisa da literatura brasileira**. 47 ed. São Paulo: Cultrix.

COUTINHO, Afrânio (2004). **A literatura no Brasil**. 7 ed. São Paulo: Global. v.5.

LISPECTOR, Clarice (2017). **Perto do coração selvagem**. 1 ed. São Paulo: Mediafashion.

LÉVY-STRAUSS, Claude (1997). **O pensamento selvagem**. 2 ed. Campinas: Papyrus.